

*Poção de trimethylamina.*—

Trimethylamina	50 centigram.	(10 grãos)
Agua simples	120 grammas	(4 onças)
Ague de hortelã	4 —	(1 oitava)
Xarope simples	30 —	(1 onça)

Para beber uma colher de sopa, de 2 em 2 horas.

*Chlorhydrato de trimethylamina.*—O cheiro desagradavel da trimethylamina, e a sua concentração variavel nas soluções que existem no commercio, levaram os medicos a dar a preferencia a um sal sempre fixo, o *chlorhydrato de trimethylamina*. É um sal branco quando crystallizado, solavel em agua, alcool, ether, glycerina; quasi sem cheiro, de sabor fresco e salgado. Attrahe facilmente a humidade do ar, pelo que, é preferivel, quando é destinado ao uso therapeutico, derretel-o, para obtel-o sob a forma de laminas levemente amarelladas. A sua dose é de 25 centigrammas a 1 gramma (5 a 20 grãos) por dia. Pôde receitar-se do modo seguinte:

*Poção de chlorhydrato de trimethylamina.*—

Chlorhydrato de trimethylamina	50 centigr.	(10 grãos)
Agua simples.....	100 gram.	(3 onças)
Xarope de casca de laranja	30 —	(1 —)

Para beber uma colher de sopa de 2 em 2 horas—Cada colher contem 75 milligrammas (grão e meio) de chlorhydrato.

*Chlorhydrato de trimethylamina.*—

Chlorhydrato de trimethylamina	20 grammas
Xarope de casca de laranja . . .	980 —

Cada colher de sopa (20 grammas) contem 40 centigrammas (8 grãos) de chlorhydrato. Dose: uma a duas colheres de sopa por dia.

*Pilulas de chlorhydrato de trimethylamina.*—

Chlorhydrato de trimethylamina	250 centigr.
Althea em pó . . . . .	700 —
Mel de abelha . . . . .	q. b.

Faça 100 pilulas, e envernize-as á Blancard com balsamo de Tolu. Cada pilula do pezo de 40 centigrammas (2 grãos), contem 25 milligrammas (1/2 grão) de chlorhydrato. Toma-se uma pilula de 2 em 2 horas no rheumatismo agudo.

MEMORIA HISTORICA DAS EPIDEMIAS DE FEBRE AMARELLA E CHOLERA MORBO QUE TEM REINADO NO BRAZIL.

Pelo conselheiro Dr. José Pereira Rego.

(Continuação do n. 142)

*Provincia de Pernambuco.*—Foi esta provincia o segundo ponto, que, na ordem chronologica, a doença assaltara, manifestando se

o primeiro caso no dia 18 de Dezembro de 1819 em um homem de nome José Macario leard, tripolante do brigue francez *Aleyon* procedente da Bahia, o qual entrou francamente para o ancoradouro por trazer carta branca, a despeito dos successos occorridos n'esta provincia.

Este homem, que se havia recolhido a um hospital particular, sito em uma das ruas mais centraes, a da Cadêa, não se demorou ali mais do que duas ou tres horas, porque o conselho de salubridade, reconhecendo estar elle affectado de febre amarella, reclamou que voltasse para bordo do *Aleyon*, e assim se fez.

No dia 28 de Dezembro entrou para o hospital inglez sito no bairro da Boa-vista, o mais distante do porto, um marinheiro inglez de nome Pale, vindo de bordo.

Neste dia adoeceu o inglez Davis marinheiro do navio *Russel* que estava retido no hospital por outra doença, e morreu no dia 1.º de Janeiro de 1850 com todos os symptomas da febre amarella. Nesse mesmo dia adoeceu o boticario do hospital Pit, da mesma molestia e morreu no dia 4; finalmente Pale, que havia entrado, como dissemos, no dia 28 de Dezembro, adoeceu no dia 8 de Janeiro, e falleceu a 15 do mesmo.

Enquanto se passavam estes successos em terra, a epidemia progredia no porto com rapidez; as tripolações dos navios *Gutsepina*, *Constante* e *Constantino*, fundeados proximo ao *Aleyon*, assim como outros navios inglezes e francezes nas mesmas condições, soffriam os seus estragos; e a população da cidade, atemorizada pelos acontecimentos passados no ancoradouro, e receiosa da invasão da molestia em terra oppunha-se ao desembarque dos marinheiros. Então o governo provincial mandou erigir um hospital na ilha do Nogueira, onde fossem recolhidos e tratados os homens do mar, e prohibiu igualmente que os cadaveres dos fallecidos fossem sepultados dentro da cidade, sendo ordenadas outras providencias tendentes a atenuar os effeitos funestos da doença.

A epidemia que, em Janeiro, havia começado logo com intensidade no porto, continuou sempre com extremo vigor, acommettendo em primeiro lugar os sardos, inglezes e francezes, depois os portuguezes e por ultimo os brazileiros. Tão violenta se mostrou, quanto pouco duradoura, dando se já em fins de Abril, em que se fechou o hospital de Nogueira poucos casos a bordo.

Em terra sua progressão tambem não deixou

de ser prompta. Aos primeiros casos occorridos no hospital inglez, sito no bairro da Boa-Vista, seguiu-se o do Dr. May, medico do estabelecimento, e logo após o desenvolvimento simultaneo em muitos doentes d'aquelle hospital e em todo o bairro, que é o mais elevado acima das marés. Nos outros dous bairros, os do Recife, que fornecia os navios, e estava em communicação constante com a gente de bordo, e o de Santo Antonio que é o mais central, nenhum caso ainda apparecia por esse tempo.

No dia 19 de Janeiro, porém, annunciou-se a sua invasão no do Recife por um caso occorrido no forte do Mato, estendendo se dentro de poucos dias o reinado da doença a todos os pontos da freguezia, de modo que a 14 de Fevereiro a cidade podia ser considerada um vasto hospital pela invasão da molestia a todos os seus bairros.

\* A epidemia em seu furor não poupou quasi habitante algum d'esta cidade. Viam-se fechadas as lojas de ruas e districtos inteiros. Os sinos não cessavam de tocar, annunciando ao povo aterrado o fallecimento ou o estado moribundo dos febricitantes. Os medicos exhaustos de forças, não chegavam para acudir aos enfermos, as catacumbas não chegavam para os mortos. De noite por todas as ruas se encontravam enterros de ricos e pobres. Transluzia em todos os semblantes a incerteza do futuro e o horror do presente (1).

A epidemia, que como sóe sempre acontecer, foi mais fatal aos homens de mar, aos estrangeiros pouco acclimados, e aos brasileiros vindos do interior, não limitou a esphera do seu dominio á capital, irradiou-se para diversas localidades do interior, levada pelas pessoas d'ella sabidas para esses pontos.

Appareceu em S. Lourenço da Matta, 5 leguas distante da cidade em principio do mez de Fevereiro. Em Iguarassú, 5 leguas distantes, tambem em Fevereiro. Em Pão d'Alho, distante 9 leguas, no mesmo mez. Ahi morreram na villa 12 pessoas; mas houve grande mortandade nos matos.

N'esse mez ainda appareceu em Goyana, distante 14 leguas; durou tres mezes, e matou de 500 a 600 pessoas, quasi todas indigenas.

Além d'estes lugares, manifestou-se tambem no Rio Formozo, distante 18 leguas, oc-

(1) Parecer da commissão medica de Pernambuco incumbida de informar á commissão central, creada n'esta corte, com o fim de tomar medidas para extinguir ou diminuir os estragos da febre amarella. Vol. 8.º dos *Annaes Brasilienses de Medicina* pag. 31 e seguintes.

correndo o primeiro fallecimento em 28 de Março; em Barreiros, a 24 leguas, morrendo o primeiro doente em 2 de Abril; em Bezerros, a 26 leguas, em cuja localidade deram-se 9 casos de obito; no Bonito, á 49 leguas onde occorreram tres casos, todos em pessoas vindas de fóra; no Brejo da Madre de Deus, a 54 leguas, onde só houve dous casos em pessoas vindas do Limoeiro.

Esta epidemia, cuja mortalidade foi avaliada em 2,800 pessoas, segundo as noticias d'ali recebidas n'aquelle tempo (2) foi precedida como a da Bahia de mudanças importantes no estado de salubridade ordinaria nos annos de 1846, 1847 e 1848.

No estio de 1846, manifestaram se maior numero de biliosas do que nos annos anteriores, e ao mesmo tempo uma epidemia extensa, differente das molestias endemicas d'aquelle cidade, caracterizada por dores articulares e musculares sem rubor, nem tumefacção, alguma febre, durando horas ou poucos dias, tendo os primeiros casos apparecido nas Cinco Pontas, onde havia encalhado e apodrecido o cadaver de uma grande balea, fazendo suppor que a infecção produzida pela podridão d'este cataco foi a causa senão determinante, pelo menos occasional n'aquelle anno, cujo primeiro caso, segundo o testemunho de certo medico respeitavel, se desenvolveu em um menino que tinha ido brincar em torno da balea.

Em 1847, reapareceu a molestia com mais intensidade e generalisação no começo do estio; a febre foi mais intensa, a pelle secca e mui vermelha, os olhos lacrimosos, havia prisão de ventre, nauseas e raras vezes vomitos; as dores musculares e articulares eram mais intensas, e persistiam as vezes por mezes. Esta tem toda a semelhança com a que reinou n'esta corte pelo mesmo tempo. Em alguns doentes a invasão era annunciada por horripilações e mesmo por frio; mas nunca se notou hemorragias, nem ictericia, nem vomitos de cor insolita ás molestias communs.

No anno de 1848, não se reproduziu a febre epidemica; mas notaram-se alguns casos de molestias graves que participavam do caracter da epidemia. Uma molestia, porém attrahiu a attenção dos praticos por sua gravidade e pertinacia pouco commum n'aquelle cidade; foi a tosse convulsa que reinou n'esse anno.

Em o começo do verão de 1849, deram-se alguns de febres graves, como succede

(2) *Gazeta dos Hospitales* de 1850, pag. 35.

quasi sempre n'esta estação. A existencia d'estes casos, e das grandes alterações sanitarias occorridas nos tres annos anteriores, devidas sem duvida á perturbação da metereologia, que, alterando a regularidade que ali se nota entre esta e a pathologica, deram aquelle resultado, foi logo motivo para que certos praticos sustentassem ter observado nos annos anteriores alguns casos de febre amarella, o mesmo que dizer, que a molestia dependeu de causas locais e climatericas, ou desenvolveu-se espontaneamente, e não em virtude da importação de seu elemento gerador.

Submettidos, porém, esses factos á uma analyse rigorosa, e discutidos em todo o criterio pela commissão a que nos referimos, e cujo trabalho serviu-nos de base para a confecção d'este capitulo da nossa memoria, tirou ella as seguintes conclusões.

1.<sup>a</sup> No estio do anno de 1846, appareceu aqui uma epidemia que chegou ao seu auge em 1847, de que ainda se viram alguns casos em 1848, e que, imprimindo seu caracter nas molestias febris endemias, mostrou ter alterado profundamente a constituição medica d'esta cidade.

2.<sup>a</sup> Os factos que, n'esse periodo de 1846 a 1849, alguém quer denominar de febre amarella, não resistem a uma analyse rigorosa, e não passam de meras supposições formadas depois da epidemia ter invadido esta provincia.

3.<sup>a</sup> O primeiro caso diagnosticado, e indubitavel de febre amarella foi o que observou em Mario Icard, marujo do *Acyon*, procedente da Bahia, a 18 de Dezembro de 1849, no bairro de Santo Antonio.

4.<sup>a</sup> A epidemia principiou no porto, e depois de poucos dias appareceram casos no bairro mais remoto do mar, que é o da Boa-Vista, e só quando ella já era geral n'esse bairro, foi que principiou a beira mar, vindo d'este modo a ser parte central da cidade a ultima invadida, não obstante ser ali que desembarcou o primeiro doente de febre amarella vindo da Bahia.

5.<sup>a</sup> Da capital propagou-se rapidamente aos suburbios, e depois aos pontos onde appareceu em toda a provincia na razão das distancias e das relações com os lugares infeccionados.

6.<sup>a</sup> Segundo o testemunho de um medico e mais pessoas instruidas e fidedignas, em varias comarcas do Sertão que abrangem notavel extensão da superlicie d'esta provincia, os individuos que haviam contrahido a febre amarella nos lugares onde ella existia, quando vinham

estabelecer-se, ou fallecer n'aquellas paragens não communicaram aos habitantes a epidemia.

A doença saltou tambem a ilha de Fernando de Noronha, mas poucos foram os estragos que ella ali produziu não passando de seis as victimas que fez (3); e desde sua manifestação não deixou de grassar com caracter esporadico na capital e no porto, recrudescendo ás vezes com alguma intensidade n'este, até o anno de 1861 em que não foi contaminado, a despeito de occorrerem alguns casos em terra sendo certo que em 1852 e 1853, não deixou de fazer bastantes victimas na capital, montando o seu numero no primeiro d'esses annos a 203, e no segundo a 147.

D'ahi em diante declinou sempre e desapareceu completamente de 1865 até 1868; e se alguns casos se manifestaram, foram em tão pequeno numero e tão pouco significativos que não mereceram attenção, nem d'elles falla a inspecção de saude da provincia.

Em 1869, porém, não se passaram as cousas tão favoravelmente, alguns casos appareceram no ancoradouro em navios que procediam do Rio de Janeiro; mas, sendo os doentes transferidos para o lazareto do Pina, estabelecido por occasião da invasão da cholera-morbo, em 1855, a molestia não se diffundiu, ficando incolumes as tripolações dos navios ali fundeados; mas a obtenção d'estes resultados em 1869, mediante as precauções tomadas ácerca dos navios procedentes do porto infectado do Rio de Janeiro, não impedia que, pela continuação da entrada de navios da mesma procedencia, ella chegasse por fim a contaminar as tripolações dos navios ali estacionados.

E com effeito em Novembro de 1870, fez ella explosão, ferindo as tripolações dos navios surtos no porto, os estrangeiros recém-chegados, e os nacionaes vindos do reconavo, ganhando depois extensão quer em terra, quer no mar; mas não apresentou o caracter de malignidade que a caracterisara em outras occasiões, a julgar pelos acontecimentos passados nos diversos hospitaes; porquanto de 433 doentes a elles recolhidos, só falleceram 90, o que equivale a uma mortalidade de 20, 31 %.

Releva, porém, notar com relação ao modo por que se explica o apparecimento da molestia, que em 1869 grassaram em Ouricury febres graves, que foram classificadas pelo inspector de saude por febres amarellas; que em 1870 reinaram em Agua Preta, Ouricury e

(3) Relatorio do ministerio do imperio, 1851.

comarca de Guaranhuns febres malignas por alguns consideradas, como febre amarella; e finalmente que no termo do Bom Conselho reinou esta febre com mais ou menos vigor em 1870, fazendo algumas victimas. (4)

D'esta noticia conclue-se que a doenca foi muito mais benigna n'esta provincia, que na anterior.

Que desde o anno de sua primeira apparição, no qual tantas calamidades arrastou á população da provincia, principalmente á da capital, nunca mais até 1861, ella deixou de grassar com character esporadico na capital e no porto, com mais ou menos vigor, chegando mesmo em 1852 e 1853 a tomar proporções um pouco exageradas:

Que d'ahi em diante declinou sempre, desapparecendo de 1865 até 1868 completamente:

Que em 1869 appareceram alguns casos em marinheiros procedentes do Rio de Janeiro, mas que a molestia não se diffundiu: que o mesmo não succedeu em fins de 1870 e começo de 1871, em os quaes se desenvolveu uma epidemia um tanto extensa no porto, apparecendo tambem alguns casos em outras localidades.

(Continúa)

#### HYGIENE HOSPITALAR

SOCIEDADE DAS SCIENCIAS MEDICAS DE LISBOA

Sessão de 11 de Maio de 1872

Discurso lido pelo Sr. Silva Amado

(Continuação do n. 114)

Na Turquia tambem pegou a moda dos hospitaes monumentos, e Howard refere que o luxo desenvolvido na construcção dos hospitaes era comparavel com os das mesquitas e dos serralhos; entretanto dentro d'esses edificios sumptuosos os doentes nem se quer tinham camas, deitavam-se no chão sobre palha.

O que era o hospital de S. José á trinta annos disse-nos eloquentemente o Sr. Theotónio da Silva, e o que elle é ainda hoje sabemos-lo todos os que o temos frequentado.

Se o desprezo pelas condições hygienicas dos hospitaes era geral até aos nossos dias, não foi porque uma ou outra vez uma voz intelligente e verdadeiramente compassiva não tivesse bradado em favor dos infelizes, que se recolhiam n'esses maus hospitaes, mas essas vozes não achavam echo nos governos que presidiam

á administração d'esses estabelecimentos de caridade.

Já em 1250 os irmãos da ordem dos agostinhos, que cuidavam do hospital de Santa Catharina de Ratisbõna, declararam que este hospital estava acumulado e que os doentes succumbiam prematuramente, o que era devido á respiração do ar corrompido. Eis a passagem alludida que se póde ler nos *Archivos* de Virchow:

Quod domus hospitalis nimis stricta, pauperibus non solum (non) suffecisset, sed eos interfecisset et multos fecisset præmori ante vitæ suæ terminum, ex extractura loci, aere corrupto, flatu et contagio infirmorum nimis compressæ jacentium suffocante.»

Infelizmente estas judiciosas reflexões dos freires agostinhos, que se podiam applicar a todos ou quasi todos os outros hospitaes, passaram inteiramente desapercibidas.

Emquanto nos paizes catholicos a administração era commettida ao governo central, ou pelo menos tinha ingerencia mais ou menos activa nos hospitaes das principaes povoações, n'alguns paizes em que a reforma religiosa modificou as exterioridades do culto, os hospitaes foram mantidos pela caridade individual: foi o que aconteceu na Inglaterra, na Hollanda, no Brabante e em Flandres. Os hospitaes eram mais pequenos que nos paizes catholicos, de architectura menos enfeitada, sem perder completamente o character de monumentos, a fiscalisação era perfeita dentro d'esses estabelecimentos, havia mais acção, a fórma geral d'esses edificios era de um quadrilatero com um pateo central, como em geral os palacios bem construidos d'essas epochas.

Tal era o estado dos hospitaes na Europa, quando em 1772 um incendio destruiu parte do Hotel-Dieu de Paris, perecendo grande numero de doentes; então a attenção dos medicos, do publico e dos poderes do estado dirigiu-se para a hygiene hospitalar.

Em 1774, Antonio Petit formulou um projecto de construcção de hospital, na sua opinião, conforme os rigorosos dictames da hygiene.

Pela primeira vez se recommendou por motivos de salubridade o systema dos pavilhões na construcção dos hospitaes. Eram seis os pavilhões e estavam dispostos em fórma de estrella; cada pavilhão tinha uma sala unica contendo 300 a 400 doentes em series de 40 a 50 camas de cada lado, e dispostas estas series em andares como os camarotes de um

(4) Relatorios das commissões de hygiene publica e inspecção de saude da provincia, de 1852—1871.